

# PINTURA ÍNTIMA

EGRESSO DO MERCADO DE MODA, PINTOR BRUNO PASSOS EMERGE NA CENA DAS ARTES BRASILEIRAS COM REPRESENTAÇÕES FIGURATIVAS CARREGADAS DE DRAMA E POESIA, SOFISTICAÇÃO E TÉCNICA

POR EDUARDO RIBEIRO  
FOTOS CAMILA SIMIELLI



## IMPRESSIONES



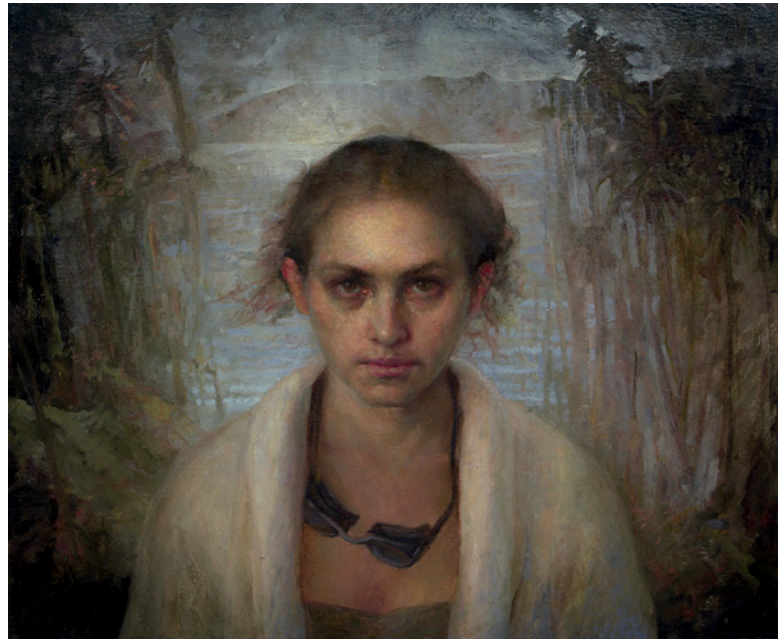
Na pág. ao lado, "Vermelho" (2016), pintura de 1,5 m x 1,2 m. Nesta pág., o autorretrato do artista "Entre Bugios, Caetanos e Cartolas" (2018), de 40 x 30 cm

Bruno Passos está inquieto. Há semanas, uma ideia fixa não para de lhe martelar a cabeça. Ele se levanta abruptamente do banquinho de madeira colocado ao centro do estúdio para revelar um feroz objetivo. Aos 33 anos, sete deles dedicados à pintura – e, de vez em quando, à escultura –, o artista egresso da moda toma fôlego para iniciar o projeto que espera ser a sua mais monumental obra até aqui: uma tela de proporções gigantes, que possa dar suporte à ambição que lhe vem consumindo dias e noites. “Veio essa pira, sei lá por quê”, diz ele, gesticulando no pequeno quarto que mantém no bairro de Moema, São Paulo. “Vi um dia na minha mente um quadro gigante. E não caberá aqui. Preciso de um pé direito duplo e muito mais recuo, para poder observá-lo de longe”, planeja. A ideia é fechar o estúdio nas próximas semanas, entregar as chaves e migrar para

um lugar apropriado, a fim de que possa se dedicar por pelo menos oito meses a esta única pintura. Será a representação de uma tragédia. Pessoas em desespero. Ao centro, um boi curraleiro pé-duro trará um corpo pendente sob a cabeça. Está nos planos do artista doar a tela para alguma instituição. “Sei que fala alguma coisa sobre a irracionalidade”, divaga o pintor sobre o significado da representação. “Os quadros que tenho feito conversam muito com o momento, sem querer. É um pânico, um barulho, algo irracional. É muito parecido com o que estamos vivendo”, avalia. “Uma pessoa pisa em cima da outra, existe uma força da natureza que estraga tudo”, continua, descrevendo a cena que vislumbra. “Mal vejo a hora de começar a executar.” Basta observar rapidamente os quadros encostados nas paredes do estúdio para ser capturado pela força que emana do seu

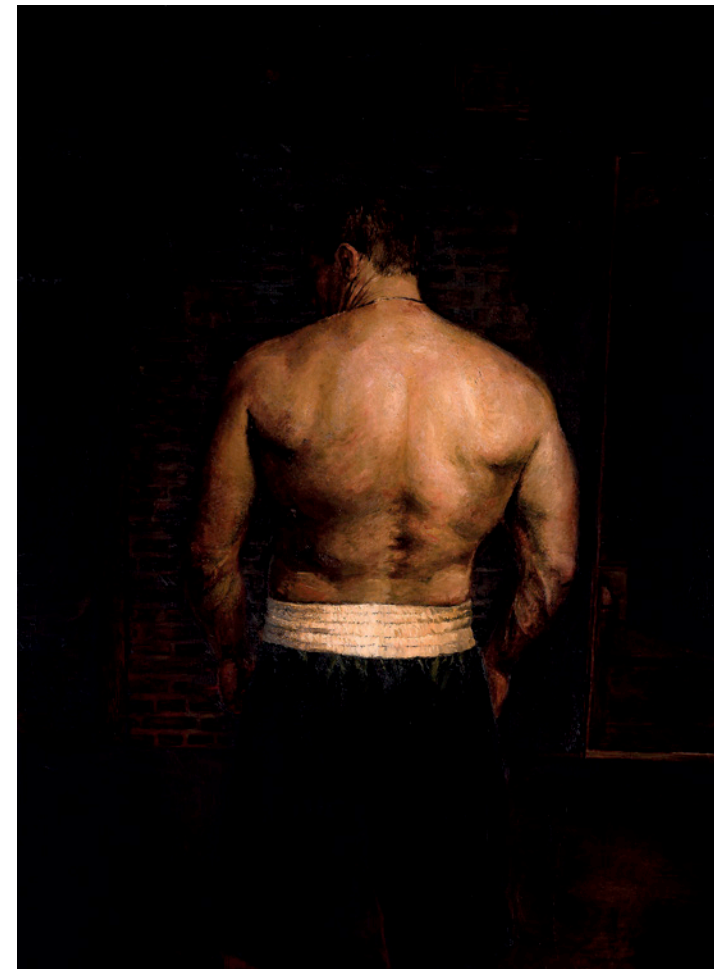
trabalho, acompanhado (e curtido) no Instagram [@brunopassosbr](https://www.instagram.com/brunopassosbr) e na vida real por gente tão diversa quanto a apresentadora Sabrina Sato e o filósofo Leandro Karnal, o ator Johnny Massaro, o cantor Nando Reis, o estilista Oskar Metsavaht e o diretor e iluminador teatral Caetano Vilela. “A primeira vez que vi uma exposição do Bruno Passos fiquei intrigado como ele trabalha o realismo em suas obras”, diz o encenador. “Não é simplesmente uma reprodução da realidade, mas uma ‘versão distorcida’ dela, com uma técnica sofisticada e poética”, elogia. “Tem uma presença íntima na expressão de seus retratos, uma linguagem muito particular de rara intensidade”, completa Oskar, fundador e diretor criativo da Osklen. “Ele tem a capacidade de dar ao tradicional figurativismo uma nova dimensão plástica usando um recurso de explorar psicologicamente a personagem e retratá-la de for-





A partir do alto, a pintura "Caçando Sonhos em Águas Frias", que "fala sobre sonhos, sobre as verdades que nos assaltam sempre que estamos sozinhos"; "Sonhos de Cabotagem", em que trabalha com pretos, brancos e cinzas para dar ritmo à imagem; e uma escultura feita com técnica mista. "Criar uma peça orgânica e fluída, feita de pedra, foi um dos maiores desafios que já me impus", afirma

Na pág. ao lado, George Arias, o primeiro de uma série que o artista dedica a grandes brasileiros vivos. "Fazer um retrato é algo extremamente duro, é necessário ser icônico sem soar óbvio. É uma linha muito tênue", diz sobre a obra com o boxeador. "Uma pose clássica de boxe soaria genérico, um retrato de rosto não lhe seria digno. Escolhi as costas saltando de carne em direção à luz."



"FAZER UM RETRATO É ALGO EXTREMAMENTE DURO, NÃO BASTA FAZER UMA BOA PINTURA. É NECESSÁRIO SER ICÔNICO SEM SOAR ÓBVIO. É UMA LINHA MUITO TÊNUE"



ma com que ela não seja uma projeção dele mesmo", diz Leandro Karnal.

Formado em moda pela Universidade Estadual de Londrina, Bruno Passos, natural de Marília, no interior paulista, mudou-se para a capital, onde montou a grife de camisas Conto Figueira em parceria com a esposa, Camila Simielli.

O interesse pela pintura veio por intermédio das palavras de Matisse impressas num livro emprestado de um amigo. Bruno ficou maravilhado com o que o autor dizia sentir no ato de pintar. "Na semana seguinte, comecei... Cara, encontrei Jesus (risos)! A partir daquele ponto não conseguia fazer mais nada", revela o artista.

Passou a pintar toda noite e aos finais de semana. Depois de dois anos, falou para sua esposa: "Se você segurar a marca, tenho certeza de que vou fazer isso para o resto da vida – e vai rolar!". Hoje, ele pinta todos os dias da semana, dez horas por dia. "Tirando o domingo", observa, "que é para cuidar do casamento", brinca.

Mesmo com uma trajetória de fora para dentro no cenário artístico, o aspecto diletante de suas criações adquiriram uma sofisticada técnica após três meses de convívio, em 2016, com um dos maiores pintores clássicos vivos, Odd Nerdrum, em seu estúdio na Noruega. "Foi um milagre ele ter me aceitado como aprendiz. Mandei uma carta sem esperança alguma, só para ver no que ia dar. E aconteceu. O contato com um verdadeiro gênio da arte transformou para sempre a minha percepção das coisas", afirma.

No começo da carreira de pintor, Bruno aceitava encomendas de todos os gêneros. Até as religiosas, uma temática com a qual ele não se conecta. Agora, não mais. Necessita do contato próximo e com o real para consolidar uma expressão. "Quero que meus quadros sejam pautados pela realidade", justifica Bruno. "Acho que tudo o que está no quadro aconteceu ou pode acontecer. Porque a nossa vida é feita da banalidade todos os dias, não acontecem grandes coisas", fala.

Enquanto admiradores disputam suas obras mesmo antes de estarem finalizadas – ele costuma registrar o processo evolutivo das telas com posts nas redes – o próprio não suporta ficar com uma pintura guardada.

"Passam seis meses e eu começo a ver um monte de aspectos que poderiam melhorar. Gosto de olhar para os quadros durante um tempo, mas, depois, parece que estou no mesmo lugar, me incomoda", assume. "Quando não vendo, jogo fora."

Para ele, um quadro só vale a pena quando tem a capacidade de oferecer diversas leituras. "Meu tesão é quando quem observa deixa escapar percepções totalmente diferentes sobre o mesmo quadro", conta, olhando para um dos retratos encostados na parede, o "Vermelho", da página de abertura deste texto. Na tela, um homem na praia, sentado numa cadeira, o céu vermelho ao fundo. "O semblante desse cara, para você ter ideia, me transmite paz e uma nobre sabedoria. Mas uma cliente me disse que o olhar dele a fazia se sentir intimidada".